

MARGARIDAS SEM TERRA: MULHERES, IDENTIDADE E REPRESENTAÇÃO

Este trabalho é resultante de uma pesquisa realizada entre os anos de 1994 e 1997 e somente publicada na íntegra recentemente (BUSSOLETTI, D. M. *Margaridas Sem Terra: identidade em representação*. Pelotas: Editora Universitária UFPel, 2010). Esta pesquisa foi parte integrante da obtenção da titulação de “mestre” pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – Brasil

(2011)

Denise Marcos Bussoletti

Possui doutorado em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2007), com estágio no Instituto de Estudos da Criança (IEC) da Universidade do Minho, Braga - Portugal. Cursou o mestrado em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1997) e Graduação em Psicologia pela Universidade Católica de Pelotas (1987). Atualmente é professora da Universidade Federal de Pelotas. Tem experiência na área de Educação e Psicologia, com ênfase em Psicologia Social, atuando principalmente nos seguintes temas: infância, representações sociais e identidade social.

E-mail:

denisebussoletti@gmail.com

RESUMO

Este artigo resulta de um trabalho de dissertação de mestrado que buscou apreender o processo de construção da identidade de gênero das Mulheres Trabalhadoras Rurais Sem Terra, pertencentes a um assentamento de trabalhadores rurais situado ao sul do estado do Rio Grande do Sul- Brasil. Compreendendo a identidade como representação, foram entrevistadas treze mulheres. Os esforços interpretativos levaram à construção de uma personagem nominada ‘Margarida’. Esta personagem foi construída no limite que separa a ficção da realidade. O que possibilita dizer que a Margarida, de forma singular, como mulher, não existe. Ela é o resultado textual e interpretativo do conjunto de vozes articuladas e na tentativa de diálogo entre as mulheres entrevistadas e a pesquisadora em exercício. Cabe salientar ainda que neste texto as ‘falas’ da Margarida foram transcritas de forma a contemplar uma possibilidade de aproximação maior entre a oralidade e a linguagem escrita, foram assim transcritas, ou ‘transcriadas’, de acordo com as novas possibilidades de compreensão teórica e metodológica destes registros no espaço da pesquisa original e da redação deste trabalho-síntese.

Palavras-chave: Mulheres, mulheres sem terra, identidade social, representação social

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Passados mais de dez anos da realização do trabalho de pesquisa, origem deste artigo, deparo-me com um duplo sentimento: por um lado a atualidade do drama que pelas “falas” das mulheres entrevistadas ainda muito dizem e, por outro, a dificuldade em retornar a essas “falas” sem incorrer no perigo de transformá-las somente em ecos de um passado, esvaziadas do sentido pleno em que as palavras, em seu contexto, foram reveladas e reconstruídas.

Para caracterizar inicialmente a proposta de construção da personagem “Margarida”, cabe ressaltar que tal compreensão inspira-se na obra de Ciampa (1987, p.157) “A Estória do Severino e a História da Severina: um ensaio em Psicologia Social”, na qual o autor diz que “identidade é história. Isto permite afirmar que não existe personagem fora de uma história, assim como não há história (ao menos história humana) sem personagens”. Os personagens, nesta perspectiva são múltiplos, coexistem ou se alternam, indicando “modos de produção de identidades” e, ao mesmo tempo em que os personagens vão se constituindo, uns aos outros estabelecem o universo de significados que os formou. Para o autor, a narrativa de um personagem faz de seu drama (não literário) um discurso de um “autor-em-obra”. “Uma combinação de autoria coletiva da história, da qual somos todos co-autores, e de autoria individual, invenção assinada, que é daquele personagem chamado autor e que, de fato, sempre é um narrador, um contador de histórias” (CIAMPA, 1987, p.155).

Como recurso de apresentação textual, as falas das mulheres aparecerão grafadas em itálico e assumem a forma de um texto híbrido, onde na essência é preservado o conteúdo, porém na transcrição escrita, a “tradução” é feita pela pesquisadora para o “mundo das letras”, seus códigos e normas. Acreditamos que se por um lado perdemos parte da sonoridade e da originalidade que confere a autoria devida, no entanto, por outro, assumimos o risco teórico e metodológico que a relação de alteridade implica: lidar com as interdições culturais que dificultam e impedem de compreender a cultura do Outro, no caso específico, dessas Outras mulheres, pertencentes ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Ressaltamos, assim, que acatamos tal escolha, tentando ser fiéis a uma visão de pesquisa, que se pretende “dialógica”, ou seja, amparada na questão da autoria, tema essencial da concepção dialógica bakhtiniana da linguagem, a qual diz que a palavra não pertence só e exclusivamente ao “falante”. Nesta compreensão, o autor (falante), o ouvinte e todas as vozes, que antecederam aquele ato da fala, ressoam nas palavras do autor. Dialogia é o caráter da interação verbal enquanto categoria básica da concepção de linguagem, pois toda enunciação faz parte de um processo de comunicação interminável (BAKHTIN, 2003).

Podemos, também, através de outras leituras, assumir diante do texto escrito a proposta de escrita da história benjaminiana, como uma história escrita a “contrapelo”, uma perspectiva de escrita onde a história escovada a contrapelo se opõe à ilusão do progresso. Numa perspectiva crítica da história o autor repudia a linearidade do “Era uma vez” e aponta para uma escrita da história onde o passado, o presente e o futuro se cruzam, construindo um outro tempo, um tempo saturado de “agoras”.

Nesse sentido, a história contada aqui são fragmentos de um ensaio sobre os limites da tarefa de pesquisa diante da experiência e da trajetória das mulheres entrevistadas; busca o “era uma vez” como um recurso de apresentação do texto, que, assumindo pela aparência a forma de uma “história a ser contada” procura pelo conteúdo e pelo movimento textual constituído pela força dos depoimentos encontrados, constitui uma outra narrativa. Uma escrita que procura encontrar, pelas vozes emudecidas das Mulheres Sem Terra, a narrativa que arranca a “tradição do conformismo”, tal como propunha Walter Benjamin, tentando recolocar nossas personagens no protagonismo de seus atos, tornando presente o tempo escondido sob a aparência das ruínas que a barbárie insiste em imprimir à cultura, contra o esquecimento e a perda da memória. Resgatar a fala dessas mulheres, hoje, é assim, como ontem, uma insistência em reafirmar que uma outra história é possível.

Talvez fosse oportuno confessar, antes de qualquer coisa, que a escrita desse artigo significa, hoje também, um acerto de contas da pesquisadora com sua história, sua trajetória de mulher e seu universo de significações pelo acadêmico ofício.

Universo de significações que fez daquilo que projetava ser uma dissertação de mestrado sobre as “Representações Sociais da Identidade de Gênero das Mulheres Trabalhadoras Rurais Sem Terra” algo muito maior do que isso. Encontrei, assim, na vida destas mulheres um contraponto que deveria ser requisito para qualquer trabalho científico - a ousadia. É esta ousadia que deve nos fazer capazes de buscar, lá onde o óbvio parece morar, sempre uma outra possibilidade: a possibilidade de um fazer científico que busque, no rigor da teoria, o compromisso com a mudança e com a transformação de uma paisagem, reflexo de uma realidade que, se não está pronta, muito menos pode se dizer bela, onde as desigualdades sociais aparecem como histórias “mal contadas”. Recontá-la aqui, será, pois, um renovado desafio.

Ninguém sai impune de um encontro como esse que me foi facultado. No espaço do inusitado, o conhecimento, que se queria também científico, pôde apreender pelas falas e pelas ações das Mulheres Sem Terra, nossas protagonistas, a inquietação de quem fez da história de sua vida uma história marcada pela luta, e do cotidiano de um movimento, um espaço de identidades, e de manifestação de tantas outras possibilidades de vida. Mulheres sem terra, que se apresentaram como uma flor, e como Margaridas foram re-apresentadas no texto que compus como narrativa. Mulheres, Margaridas, que me fizeram crer e ver por entre suas pétalas muito além do bem e do mal querer como feminina perspectiva. Margaridas que não rimam facilmente com feridas e nem com nada que pareça amargo, pois suas vidas dispensam todos e quaisquer adjetivos.

Dizendo isso, no limite que a reflexão teórica imprime, reafirmo o resgate do compromisso assumido: passaram-se dez anos, mas as Margaridas devem continuar pelo texto e pelo subtexto – vivas. E vivas de uma vida, que se quer, pela força de suas falas, auto-explicativa, dispensando quaisquer maiores ou menores adjetivos. Oxalá que a leitura do que virá consiga dizer um pouco, do tanto que isso tudo ontem, como hoje, ainda significa.

2. Era Uma Vez uma História Outra, uma Outra História...

Como afirmou Michele Perrot, “no teatro da memória as mulheres são sombras tênues” (PERROT, 1989). Cabe, no entanto, questionar: que relações de poder permeiam a sociedade que fazem com que certas significações possam ser construídas? Que capacidade possui o real de sacralizar e transformar em figura o masculino e o feminino num fundo oculto?

As mulheres não são passivas, nem submissas. A miséria, a opressão, a dominação, por reais que sejam, não bastam para contar sua história. Elas estão presentes aqui e além. Elas são diferentes, elas se afirmam por outras palavras, outros gestos... Elas têm outra prática cotidiana, formas concretas de resistência - à hierarquia, à disciplina que derrotam a racionalidade do poder, enxertada pelo seu uso próprio do tempo e do espaço. Elas traçam um caminho que é preciso reencontrar. Uma história outra. Uma outra história (PERROT, 1988: 212).

Seguindo a metáfora do teatro da memória proposta por Perrot, cabe atentar para uma possibilidade de exposição da dinâmica desta dramatização nas cenas que virão a seguir.

CENA I - A personagem assim se re-apresenta

Ao sul do Brasil, verão de 1996: sentada à sombra de uma árvore, nossa personagem se re/apresenta:

Imaginei assim o resto da minha vida... É assim! Eu sou um copo, uma vasilha de flor, um detalhe. Quebra numa ponta, quebra em outra... No serviço em casa, na lavoura, eu gosto que esteja bem. Estando bem para mim é flor. A vida da gente, pela casa, tendo assim uma flor bonita, então para mim está bom. Então... A flor tem alegria. E eu, para mim onde tem pessoas... Ali há potinho de flor. Ai que bonito que está, que bom que está. Daí aquele dia deu vontade de arrumar as flores da casa, passar vassoura, molhar, ajeitar, daí dá flor. Da flor que eu quero para a minha vida, para o meu lar, eu quero para os outros também. Esse é o caminho que eu vou...

Da forma como nossa personagem se representou surgiu o nome que assumiria nesta história - **Margarida**. Batismo, onde a ficção e a realidade se misturam dando forma e colorido especial ao texto; aliando-se a representação de nossa personagem - a flor, ao símbolo utilizado pelo Movimento das Mulheres Trabalhadoras Rurais - a margarida, que é o símbolo do sexo feminino. Dizem elas que por dois motivos:

- um é o símbolo do sexo feminino usado por muitos movimentos de mulheres, em muitos lugares. Representa a união das agricultoras com as outras mulheres trabalhadoras.
- o outro, é a margarida, em homenagem à Maria Margarida Alves.

QUEM FOI MARGARIDA ALVES?

Foi uma trabalhadora rural, mãe de 4 filhos, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Alagoa Grande, na Paraíba, assassinada com um tiro de espingarda no rosto, em sua própria casa, por estar defendendo os direitos dos trabalhadores rurais. Durante muito tempo, Margarida lutou pela organização dos trabalhadores e defendeu a participação das mulheres no movimento sindical. Sua morte não foi em vão. De seu sangue derramado, muitas outras Margaridas nascerão¹.

Feita a apresentação, Margarida retorna ao seu caminho, recordando, em sua origem, o lugar de onde veio:

Vim da Serra de Nonoai. Vim rolando mundo afora e parei aqui em Pelotas...

Na memória a primeira retirada.

Em Nonoai, nós morávamos lá há nove anos. Por questão política nós fomos tirados de lá pelos índios. Foi ali que começou o Movimento dos Sem Terra, só que ainda não era reconhecido como movimento. Nós fomos retirados de lá pelos índios... Os índios com a Brigada Militar.

Nas recordações da infância a pobreza - marca maior:

Na minha infância eu nunca tinha dinheiro para comprar um calçado para pôr no pé. Meu pai sempre com doenças. Eu não tinha dinheiro, mas eu sei o que eu passei para comprar um chinelo para mim. Me criei de pés descalços, ia para a aula pisando na geada, porque não tinha o que calçar. Não adiantava olhar para o meu pai... Era um monte de filhos que tinha e não tinha como ele dar... Mas eu não tinha, no tempo que eu era criança, o que comer. Tinha que sapear uma polenta e comer. Não tinha leite para tomar. Não tinha açúcar para adoçar o café.

Conta que é a sétima filha de um total de dez.

Eu tenho três irmãs mais novas que eu... É meio a meio, cinco mulheres, cinco homens... As mais novas são três, tem uma mais velha do que eu. Aliás, é duas, a finadinha eu não conheci. Era entre onze, entre dez esta, e depois o meu irmão mais velho que faleceu.

Dos pais, as saudades que restaram...

Eu sinto uma saudade do pai e da mãe! Eu aqui e os dois lá..., Branquinhos... Meu pai e minha mãe eram carrascos com os mais velhos, depois os mais novos tomaram conta deles, faziam o que queriam, mas nós... Era ali... Para sair tinha que ter hora marcada e se não chegasse... Coitado dele... O pai era custoso me pegar, mas quando pegava... Era todo dia... Quatro, cinco, tundas de laço por dia... Eu me lembro até hoje quando o pai pegava. Eu apanhei bastante até os meus 7 anos, aos cinco anos passei a ver como era feio apanhar. Bah!

E as brincadeiras de criança?

Eu também sinto saudades de quando eu era criança. Eu brinquei pouco também... A gente era pobre, aí a mãe dizia: “Hoje nós vamos costurar as roupas, para segunda feira trabalhar!” remendava, costurava a roupa das crianças e tudo. Então ali era um divertimento junto com ela... Sinto saudade de quando eu era criança, o tempo que eu brincava de bonecas... Além de criar todos os meus irmãos, vivia com criança no colo. Fazia bonequinha para eu brincar... Em vez de brincar com minhas amigas, outras coisas, eu fazia boneca para brincar... Eu fazia aqueles bichanos, cara bem branca e desenhava com carvão, fazia os olhinhos deles, o narizinho, a boca, desenhava com carvão... E fazia minhas casinhas lá... Debaixo das árvores também... Fazia uma prateleira lá, fazia uma caminha na prateleira e botava a boneca em cima. Cuidava dos irmãos, o tempo de sobra que eu tinha eu brincava de bonecas... Às vezes eram grandonas do, do tamanho de uma criança. Se pudessem encher os braços, se pudesse pegar... Pequeninha não queria... Nem gostava de brincar. Eu pegava a minha que era grandona, que enchia meus braços... Para brincar chacoalhava, eu não podia parar sozinha, eu estava chacoalhando... Acostumada com criança, se estava sozinha, estava chacoalhando...

E o trabalho?

A mãe sempre em casa... Ela teve o primeiro, aí ela ia na roça, levava o filho no cesto, balaio... Depois ela já teve dois, o primeiro já começava a atrapalhar, aí ela não foi mais. Ela ficava em casa, ia mas era na safra, ela queria mais que nós fôssemos era juntar cepo de soja, juntar as bandejas de milho. A mãe me ensinava a lavar roupa, limpar a casa, cuidar dos irmãos... Achava o serviço mal feito, eu levava uma surra de vara molhada, ela não ensinava de novo. Isso que eu apanhei menos. A mãe chamava cedo para a gente fazer pão, não sabia nem acender o fogo, pedia para o pai acender. Um dia ele me deu dois tapas na bunda e me mandou pegar o querosene, apanhei e aprendi, eu acho que a gente tem que aprender desde pequeninho. A mãe ia buscar aipim, ou buscar pasto, batata... Ela não trabalhava de pegar na enxada e trabalhar. Às vezes tinha, era obrigada, o pai saía ela tinha que buscar pasto e coisas (nenhum de nós piá prestava para isso) para buscar o pasto era ela que queria buscar. Depois os piás tiveram idade, aí a mãe não ia buscar mais... Tinha os mais velhos que eu... Daí os piás iam para a lavoura, de arado, enxada. Daí eu ficava assim, eu era da casa, nem puxar água para os porcos, preferiam deixar eu dentro de casa e não me deixavam buscar. Claro, o serviço era mais difícil mesmo de fazer... A gente mulher, entra para dentro de casa, é fogão apagado, fogão de chapa... fogão à lenha... É balde seco, é comida para fazer, casa para varrer. Então a gente comia na hora certa e não tinha tempo para dizer: “não, eu vou parar um pouco”. Não tem isso, é assim!

Na falta dos estudos, as primeiras reclamações...

E a única coisa que eu reclamo até hoje ainda deles, dos velhos, é de não darem estudo para nós. Eu queria ter a chance de estudar. A nossa professora arrumou lugar para nós estudarmos, mas o pai não deixava: “onde é que se viu filha mulher andar na cidade estudando. Não vai!” Então a única queixa que eu tenho deles, assim, até hoje eu sinto deles, não confiar na gente... De deixar a gente estudar, para não viver sofrendo como hoje. Hoje o que eu sei fazer é cuidar de uma casa, dos filhos, tirarem leite das vacas, mas isto tu sabes fazer... Eu não pensava, eu não pensava assim, em ser professora, ser um advogado, não pensava nada disso, eu só pensava que eu queria estudar. Eu só pensava... era uma adoração para mim, era estudar. [...] Na minha família, eu acho que se fosse um dos irmãos mais velhos que quisesse estudar, acho que até o pai deixava. Acho que deixava, mas como era eu, a mais velha, estudei até a quarta e só. E daí não deixou. Filha mulher nem falar sair de casa. Então me criei assim, sempre em casa, ajudando em casa... Cuidando dos irmãos. A mãe também era doente, então era assim a vida. Só meu pai sabe ler e escrever... Mas a minha mãe, não conhece viajar sozinha... Ela só diz para mim: “Olha, minha filha, eu sei a letra ‘ó’ porque é uma argola redonda, o mais não sei não... porque eu sou que nem uma cega. Se eu sair na cidade e tiver perdida, pode ter letra desse tamanho aqui na minha frente. Diz, o que adianta eu olhar? É pior do que um cego que é cego... ele acredita que ele não enxerga, ele está perdido, mas ele não enxerga, ele vai indo à rumo. E eu que estou enxergando, não consigo ler para ir para a Colônia, onde nós estamos... É a coisa mais triste do mundo não saber ler”. Do meu pai... Meu pai sabia ler, escrever, adubação de roça, essas coisas. Conta, ele sabia as quatro contas que exige, mas a mãe, coitada, não sabe nada. Se for alcançar cinco reais, um real para ela e disser que é de dez, tudo bem para ela; nem dinheiro ela conhece. Até hoje a coisa mais triste, mas ela aconselhava: “Olha, o dia que vocês puderem aprender, caprichem, aprendam a fazer o nome, fazer documento, para o dia que saírem sozinhos não se perderem”. Mas era pouquinho... Só o que ela podia dar...

Nos sonhos lembrados:

Eu sei que eu sonhava assim. Um dia eu quero casar, um dia trabalhar, ter minha casa, ter o que é meu... O que o pessoal pensava... Uma pessoa que presta, que tem valor, que tem estudo, pensava muito. “Tem que pegar um cara que te dê tudo, nem que não tenha estudo”... Vê a vida como é que é. E eu pensava, se eu caso com um cara que tem terra para trabalhar e eu tenha casa, para mim... Não precisa lugar melhor... O meu sonho era esse, era casar e ter uma casa.

Em busca de trabalho acabou indo para a cidade.

Levaram-me para Porto Alegre, queriam me dar estudo. Estudar de noite, era uma cidade grande, eu não queria sair de noite. Imagina a gente lá do interior, ainda mais sair de noite, estudar.. Eu trabalhava com uma mulher lá... Daí ela disse: “vou levar ela uns dois meses, mas sem compromisso até arrumar outra”. E lá eu fiquei três anos com ela... Eu aprendi muita coisa. Lá, era diferente do que a mãe ensinava. Casa da cidade é diferente da Colônia. Tirar o pó de móveis, eu nunca tinha tirado, nem tinha aqueles móveis, limpava geladeira. Bah! Eu gostava, era diferente. Bom ela gostava do que eu fazia, elogiava. Eu levava laranja para ela. Daí às vezes eu tinha medo do fogão a gás, quando eu ia acender eu ia direto para a porta, louca de medo. Depois peguei uma prática, logo, logo. Era bom, eu comecei a comprar coisas, eu era muito católica, comprei um quadro da Via Sacra, o quadro me acompanha sempre.

No horizonte a perspectiva do casamento...

Era um piá assim, que estudava, estava na oitava série já. Daí o pai dele mudou de lugar para perto da casa do meu pai. Aí eu comecei a vir em casa e, sem demora, me casei.. Aí nós nos comunicávamos por cartas, eu escrevia minhas cartas, meio mal para ele. Ele entendia minha letra e eu entendia a dele... e se namorava assim por carta. Aí um dia eu disse que ia vir embora. A mãe disse que era uma boa se viesse embora... E gastava mesmo para vir em casa... Aí ficava mais fácil de a gente se comunicar; ficava às vezes seis meses sem chegar perto... Daí passou uns nove meses e disse: “mas agora tu vais casar... agora tu não vais trabalhar mais”. Se tu vais, assim não pode estar trabalhando de empregada, tem que trabalhar em casa.

Diante do casamento como se apresentava a virgindade?

Era a coisa mais importante que tinha na vida da gente, e para os homens também... Porque eles já diziam: “se eu casar contigo e tu não fores virgem... eu vou te levar para a casa do teu pai de volta”. E o namorado insistia, mas a gente... as mães abriam os olhos da gente para essas coisas: “Olha vocês não dão confiança para os rapazes, não vão na conversa deles...”. Porque como ela dizia: “a honra das gurias é uma só”! Dizia: “Deus os livre, desonrar os pais”, isso era a coisa mais feia, e era pecado. Então a gente sabia... Que aquilo não podia fazer. Daí, para casar tinha que ser assim. Eu namorei uns quantos rapazes. Mas assim, de ir em casa, só foram três, mas namorado de baile, de festa, tive uns quantos, mas graças a Deus na onda deles eu nunca fui.

E num belo dia o casamento foi feito.

Daí o meu pai estava dando jeito para nós casarmos, nós já éramos noivos. Aí ele disse: “olha, eu não quero casar assim na igreja!” Bah! Ele era muito acanhado! “E meu pai está pobre!” O meu também era pobre... ”Por que nós não fugimos e depois casamos, o que faz é a vivência não o casamento”. Aí eu comecei a pensar: sabe que é mesmo, se tem que dar certo não precisa. Aí eu saí de casa. Mas ele já disse: “Olha, se tu estavas te negando para mim quando nós éramos namorados, e o dia que nós casarmos tu não fores mais virgem, eu vou te levar de novo para o teu pai”.

Como nem toda história de amor tem o mesmo final...

Perto de um ano eu já sabia que não ia durar. Comecei a me sentir sozinha, chateada. Ele começou a sair, mas na hora boa não me convidava, na hora de trabalhar ele me convidava. Às vezes ele se arrumava e ia aos bailes e não me convidava, aí eu me arrumava e ia junto, mas não que fosse por ele, por ele eu tinha era que ficar em casa, mas eu insistia. Ele ia ao jogo e na hora de ir embora, me mandava ir à frente, depois é que ele ia. Ele queria era que eu cuidasse dos bichos em casa e ele vinha bem tarde, aí eu já tinha feito a lida. Aí eu via que os outros maridos iam e vinham com as mulheres... Eu me sentia rebaixada... Acho que fiquei uns nove anos, casei com vinte. Mas vivi maltratada, ganhei a guria, quando já tinha vinte e sete anos. Ficava longe dos parentes, longe dos pais. Ele era ruim... Nunca me bateu. Trabalhei bastante, nada chegava, ele tinha família muito grande. Construimos uma casa grande, trabalhei duro. Eu digo assim, o homem casa para ter mulher, para lavar a roupa, para ter comida, essas coisas. Para trabalhar junto, para acompanhar ele, então o compromisso da mulher é enfrentar o serviço. São as palavras dele, a gente não podia ter ideia, ele que dizia as palavras dele, a gente não podia teimar, não adiantava teimar. Eu teimava, mas aí nós acabávamos brigando. Eu casei e fui morar com a sogra, aí ela dizia que tábuas eram pedras e eu brigava. A casa velha era uma pedaceira de casa, tudo atirado. Eu não gostava, era uma desgraceira, um relaxume, todo mundo entrava em casa só para dormir. Ninguém arrumava os quartos. Consegui domar aquela velha, passei óleo nas paredes e cera no assoalho. Lá, sabão era só para louça e eu usava em tudo...

Ele pensava que ela não ia...

Para mim era bom, porque outra vida não tinha, então era essa mesmo. Eu pensava que era bom, mas precisava mudar. Aí me mandei para o meu pai, eu dizia para ele que estava de saco cheio e ele me mandava virar e encher o saco de novo. Ele pensou que eu não tinha capacidade para passar a porta, eu me mandei. Disse que ia pegar advogado e dividir nossas coisas, ele pensou que eu não ia...

E Margarida foi dando continuidade à sua história. Neste momento faremos uma pausa para falar de um outro capítulo de sua história, por nós denominado “Parte II”.

CENA II- A Margarida e o MST

Nos flashes da memória o MST que Margarida via na TV:

Antes eu via na TV que o meu tio estava acampado, ocupando uma fazenda, eu via tudo isso. Eu era do lado do patrão, eu pensava, tem que tirar mesmo, onde se viu ocupar. Para mim aquilo não estava certo, eles irem para cima de uma área, ocupar, depois estar fazendo caminhada. Eu achava que estava errado...

O “nervoso” da primeira vez que visualizou a possibilidade do acampamento...

O pai começou a ir nas reuniões dos Sem Terra. Falar em assentamento... Aí um dia o meu irmão disse para mim que ia sair um acampamento, que ele ia acampar. Perguntei onde, fiquei nervosa, o meu irmão menor disse que ia também... Aí eu ia ficar só em casa, com a menina, um monte de vaca para tirar leite e eu sozinha em casa, comecei a pensar no inverno. Foram uns trinta rapazes, sempre um puxa os outros, ficam insistindo. O meu irmão mais novo foi, o outro disse que não ia deixar a mulher e a criança sozinha em casa, que ele fosse na frente, visse como era, depois ele resolvia. Pensava se uma criança adoecesse de noite, com os vizinhos longe, como iriam fazer? Aí ele ficava, trabalhava e sustentava o outro no acampamento, porque no acampamento não se trabalhava. Quem é que iria sustentar eles? E eu tinha que pensar muito, eles disseram que quem fosse não podia desistir. Eu tinha filha... Estava com três anos. O meu irmão disse que eu fosse para garantir lugar, que o pai e a mãe não iam viver para sempre, que ele tinha que viver a vida dele, e eu tinha que garantir a minha. A outra minha irmã já tinha casado e não tinha terra, foram também acampar, ela e o marido dela. Eu pensava e não decidia, trabalhava... Até cerca arreventada eu arrumava. Eu pensei e quando fazia uns vinte dias que tinha saído o acampamento, eu fui... Foi em oitenta e seis. Daí o meu irmão veio, e na frente dele ele mandou um bilhete para eu comprar lona e arrumar a mochila... Eu dizia: “Vou pegar o tal Movimento Sem Terra e ver no que dá!”. O meu irmão ria e mexia comigo, dizia que eu ia abrir os braços e pegar ele todo. Tu vê! O Movimento é nós mesmos (risos).

Dificuldade: a palavra que ficou da vida de acampada.

Olha, o que ficou para mim da vida de acampada é a dificuldade. Porque que nem eu, que morava um pouco com o meu pai e um pouco fora, era uma visão totalmente diferente. Agora viver o dia a dia debaixo de um barraco, dificuldade na alimentação, na água, problema de saúde. Aí tu comesças a ver que realmente o pobre tem que se organizar, tem que lutar, reivindicar seus direitos. Depois que eu comecei a participar, vi que não era aquilo ali... Daí comecei a conversar com os outros que perderam a terra, que nem o pai, perderam para o banco, porque não conseguiam pagar, fizeram financiamento, tudo isso aí. Daí eu comecei a ver que estava certo. É, eu disse: quero chegar perto de vocês, ver o que vocês estão fazendo lá. Daí eu fui com meu irmão. Levei a lona, fizemos um barraco muito grande que dava para morar dez gentes lá. Ficamos perdidos lá, só nós dois, o barraco era grande. Aí fazia um mês começou a saudade. Chegava a sonhar com a guria, sonhava que ela estava num formigueiro, que estava num morro e caía, caía da cerca. Falava para o meu irmão e ele falava que ela estava mais bem lá do que se estivesse comigo. Daí não aguentei, fui em casa, vi ela. Passei muito trabalho no acampamento, muita luta, mas hoje não me arrependo. Mas não é fácil! Lá nós éramos uma família. Até greve de fome nós fizemos. Tudo isso não é fácil! Às vezes as mulheres choravam, diziam que queriam voltar, desesperavam. Eu dizia: eu não vou, eu quero terra. Sempre gostei da vida de colono, eu queria trabalhar, tinha os meus bichinhos, queria lugar para trabalhar... É outra compreensão das coisas, mudam as coisas, eu mudei muito. Para repartir as coisas, primeiro o que era meu, era meu e pronto. Antes do movimento eu não dava nada para ninguém, ainda para o pai... Mas para os outros não. Eu aprendi muito, até a acreditar que as coisas vão dar certo! Eu não sabia esperar. Se não dava é porque não dava mesmo. No movimento tu aprendes a esperar. Até a ter confiança nas pessoas, na luta.

No acampamento, o segundo casamento:

Ele morava lá perto da mãe, mas eu não conhecia ele, porque ele estudava lá em Viamão. Quando saiu o acampamento ele veio, aí eu conheci ele, conhecia bem a irmã dele, era amiga, a irmãzinha estudava com a minha filha... Mas nunca me passou pela ideia... Aí ficamos naquela de amigo de porta... Depois de mais de um ano para nós ficarmos juntos. Eu com medo, mas ele entendia e eu me entendia nele. Depois nós nos juntamos, eu gostava dele e se era para ficar de falatório, então se junta.

Uma esperada conquista: a terra, o assentamento. Novos desafios: a questão da produção individual *versus* a produção coletiva.

O que ficou foi assim... Tanta reunião, tanta briga. A gente chegava a pensar que não ia dar certo. Mas eu confiava, aí chegou o dia da decisão... Uns choravam, uns não acreditavam, ficavam olhando. Pé no chão, rosto cansado. Aí uns foram correndo, outros caminhando, veio o caminhão, levaram as crianças. Mas a gente queria caminhar na terra, tiraram os calçados, queriam examinar a terra, ver se não tinha salitre... Na volta viemos de ônibus, e aí começamos a construir o barraco. Levamos três dias puxando areia... Depois de tirar a terra, criamos mais problemas, outros problemas. Saímos do acampamento, mais compromisso, tinha que ter prática. O primeiro ano foi duro, depois graças a Deus foi melhorando. Eu sabia, mas se todos tivessem vontade igual, aí sim. Depois da vida coletiva, a experiência no assentamento da solidão e a convicção: “foi o grupo quem me abandonou”. Eu diria assim, “eu não abandonei o grupo, foi o grupo que me abandonou”. Quando vi, estava sozinha ali... Pensei e agora? O que nós somos? Somos coletivo, ou não? Agora como ia ficar? Cada um para si e Deus para todos? Como a gente ia fazer a lavoura, trabalhar e discutir? Ficava difícil plantar milho... Sempre fica uma experiência de vida, aprendi mais coisas, assim, sei lá, não me sinto derrotada. A gente vê que as pessoas têm ideias diferentes. Vê o que é justo e o que não é. Mesmo que toque agora no individual, as coisas agora ficaram diferentes... Era difícil, tinha bastante terra, as vacas para dividir para todas as famílias, era difícil. Aí o pessoal olhava e dizia: Bah!...Tem bastante, na hora de dividir, vou ficar com um monte. Mas não era assim, ficou um pouquinho para cada um. Foi bem divididinho. A gente olhava assim e enchia a vista. Mas era bastante para se enxergar, para vender era pouco. Na hora de dividir, as famílias que era um montão, ficou pouco para cada um. Agora, o nosso pessoal aqui, acho que nunca mais, eles não combinam uma ideia com outra, uma pessoa com outra pode ser, noutro lugar, aqui não!

É chegado agora um outro momento desta história, lugar onde Margarida fará sua assinatura final.

CENA III - A Margarida...

Momento final, a lição que ficou para Margarida. Será de uma amarga vida?

Olha... a lição da vida. Eu acho para mim com a visão que eu tinha antes e depois com o dia a dia adquirir assim a experiência praticamente em grupo. E a gente lê bastante, eu acho que já amadureci bastante, antes era empolgação, sabe? O socialismo é isso, é aquilo. Eu acho que a gente tem que caminhar muito com os pés no chão, que não adianta tu te empolgares, como também é uma questão do coletivo mesmo. Ah, vamos mudar? Vamos! Não adianta, têm que estar mais levando o dia-a-dia assim, dando os passos, podem ser poucos, curtos, mas que sejam passos firmes. Então é isso aí que eu tirei. Não adianta! Eu me empolguei com um monte de coisas, a realidade é outra. Então, não adianta ter o sonho muito alto e sim sonhar pouco, mas sonhar com a realidade, fazer o dia a dia acreditar. É assim que a mulher tem que estar presente no dia a dia, ela não pode deixar se apagar. Muitas vezes tentam apagar a gente, mas tu não podes... Para nós que tu não consegue levar a história, mas participar junto dela.

O ponto final substituído pelas reticências de quem ousa continuar sonhando sem perder a esperança...

Esperança, diz que esperança é a última que morre... Que tudo corra bem com as nossas lavouras, que a gente não passe mais necessidade... Eu espero que já que Deus deu força para nós lutar dessa maneira até agora, que dê saúde e força para trabalhar. Dê colégio para os filhos... Eu quero que o governo pense e veja a nossa luta. E faça dum vez a Reforma Agrária e dê terra para os outros. Essa aqui é a única terra do governo que foi dada. Eu quero que nossos filhos tenham estudo para não passar o que nós passamos, rolamos, sofremos bastante... O meu sonho é ainda mais... Conseguir ter uma vida melhor. As condições de saúde dentro de casa, assim que mude, sabe? Está muito difícil para o colono, está muito difícil. Não muda o sistema de governo que dê mais apoio para a agricultura. Porque hoje praticamente tem valor quem sabe falar bem, quem tem uma vida mais ativa, quem vai para a frente dos palcos lá e fale bonitinho. Tem estudo, né! E sabendo que quem leva o pão para a mesa do trabalhador, do dono, do trabalhador da cidade, do ricoço, é o colono. E que seja mais reconhecido, assim, o colono como ele é.

Ato Final - Isto não é uma flor! A História em representação...

Nossa história teve seu começo com a personagem apresentando-se em forma de flor. A primeira pergunta que se coloca em nossa tarefa interpretativa relaciona-se diretamente ao trato, ou em outras palavras: qual poderá ser a postura diante de tal imagem? Recorrendo a Moscovici, relembramos que:

[...] toda representação é composta de figuras e expressões socializadas. Conjuntamente, uma representação social é a organização de imagens e linguagem, porque ela realça e simboliza atos e situações que nos são e nos tornam comuns. Encarada de um modo passivo, ela é aprendida a título de reflexo, na consciência individual ou coletiva, de um objeto, de um feixe de idéias que lhe são exteriores. A analogia com uma fotografia captada e alojada no cérebro é fascinante; a delicadeza de uma representação é, por conseguinte, comparada ao grau de definição e nitidez ótica de uma imagem (MOSCOVICI, 1978:25).

No entanto, buscando um maior rigor na apreensão de tal representação, reforçamos o entendimento proposto pelo autor de que representação não é só a imagem.

A bem dizer, devemos encará-la de modo ativo, pois seu papel consiste em modelar o que é dado do exterior, na medida em que os indivíduos e grupos se relacionam de preferência com os objetos e as situações constituídos por (e no decurso de) miríades de interações sociais. Ela reproduz é certo. Mas essa reprodução implica um remanejamento das estruturas, uma remodelação dos elementos, uma verdadeira reconstrução do dado no contexto dos valores, das noções e das regras, de que ele se torna doravante solidário (MOSCOVICI, 1978:25/26).

Parafrazeando Foucault, parece possível, visualizando a flor em imagem, assim escrever: **isto não é uma flor.**

Aliás, o dado externo jamais é algo acabado e unívoco; ele deixa muita liberdade de jogo à atividade mental que se empenha em apreendê-lo. A linguagem aproveita-se disso para circunscrevê-lo, para arrastá-lo no fluxo de suas associações, para impregná-lo de suas metáforas e projetá-lo em seu verdadeiro espaço, que é simbólico. Por isso uma representação fala tanto quanto mostra, comunica tanto quanto exprime. No final das contas, ela produz e determina os comportamentos, pois define simultaneamente a natureza dos estímulos que nos cercam e nos provocam, e os significados das respostas a dar-lhes. Em poucas palavras, a representação social **é uma modalidade de conhecimento particular que tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre indivíduos** (MOSCOVICI, 1978:26).

Dizendo que uma flor não é uma flor, reencontro a condição inicial proposta ao introduzir este trabalho - o estranhamento. Buscaremos, pelo caminho das representações, ou por trás da traição que as imagens possam nos produzir, ampliar os sentidos e tentar compreender a realidade do ser flor, ser Margarida. Que enigma, então, perpassa esta construção da realidade em forma de re/apresentação? Que estranha flor é esta? Quais são os caminhos em que ela se deixa conhecer?

A Margarida, enquanto sujeito (produtora e produzida), começa a relatar elementos de uma primeira imagem. Surge aos nove anos de idade a primeira Margarida em botão. Uma flor expulsa da terra pelos índios e pela Brigada Militar. Um estranhamento poderia reproduzir-se, dois personagens coadjuvantes, índios e Brigada Militar aparecem fundidos num só elemento causador de sua expulsão. A pergunta que se coloca é: como Margarida representa esta relação entre o que ela era, a noção de “Eu” (Margarida) e a de “nós” (família e grupo expulso) com a de “eles” Brigada Militar e índios? Enfim, como Margarida representa esta polarização nós/eles?

Revedo a literatura através de Penna (1988) identifico aqui o que pode ser denominado o elemento agenciador de identidades, ou seja, o conflito. É no momento do conflito que se explicitam posições e interesses antagônicos, fazendo com que a identidade construa-se como necessidade. O que quero afirmar com isto é que as identidades de Margarida vão se mostrando a nós, enquanto representações, demarcando os limites estabelecidos entre nós/eles. Inicialmente nós-família e eles-

governo, logo após nós-famílias e eles-Brigada Militar e índios. Relembrando a história da luta pela terra analisada por Brumer (1985), compreende-se que a representação construída através dos interesses governamentais cumpriu parte de seu objetivo. Na memória de nossa personagem os causadores da expulsão são dois inimigos condensados: os índios e a Brigada Militar. “Nós fomos tirados de lá” revela um traço marcante no sentido que atribui à sua trajetória. Um movimento vai revelando suas nuances; o lugar de origem parece mostrar agora a sua representação - a de “ser retirada”. Aparece aí uma suposta identidade: a da “Margarida-Retirada/Margarida-Retirante”. A subtração como processo primeiro, o movimento imposto pela negação do que aparecia como natural - a posse da terra.

Um outro sentido pode ser atribuído: veio rolando assim por um chão impróprio, um chão que nunca pareceu ser seu. Limites que escondem tantas impossibilidades vividas. A Margarida/Retirada vai ganhando outra forma. Nestas representações o acampamento e a estrada aproximam-se. O tempo e o lugar sempre imprecisos e a espera de uma solução à condição constante. Os lugares Porto Alegre, Esteio, pareciam “o fim do mundo”. Surge a “Margarida-que-Espera/Margarida-Esperança”.

Cebotarev (1984) indica que se examinarmos a unidade tempo-atividade poderemos descobrir a relação entre o uso do tempo e os papéis-chaves; ou, em outras palavras, o controle que os papéis sociais exercem sobre o uso do tempo. Afirma, ainda, que a relação tempo-papel está estreitamente vinculada à própria identidade de homens e mulheres e o “status, poder social e privilégios correspondentes”. Considerando isto pressupõem que:

A organização do tempo de atores sociais estejam estruturadas em torno de atividades centrais que reforçam sua identidade e aumentam o **status** e poder dos seus papéis-chaves. Em outras palavras, todo ator social, em sua distribuição de tempo, procurará satisfazer prioritariamente as atividades mais estreitamente relacionadas com a sua própria percepção de seu papel-chave (CEBOTAREV, 1984:47).

Se o que buscamos em nossa análise é apreender como Margarida foi construindo sua representação da identidade de gênero, a relação acima apontada entre o uso do tempo, a atividade e o papel-chave parece uma pista importante. A pergunta que agora se coloca é: como se deu este tempo vivido? Que outros papéis se construíram neste tempo?

Compartilhamos do entendimento de Duveen (1994) de que as representações de gênero, por se referirem a uma dimensão central de organização e poder social, são centrais para as nossas definições de Eu.

Enquanto processo psico-social, a construção de uma identidade é um modo de organizar significados que possibilitem à pessoa se posicionar como ator social. Uma identidade fornece os meios de organizar a experiência, o que contribui para a definição do Eu, mas o faz dando ao Eu um lugar no mundo (DUVEEN, 1994:268).

Qual o lugar de Margarida no mundo? Mais do que o lugar pela ordem de nascimento, nos interessa compreender o lugar real que nossa personagem se atribuía na vida em família. Penetrando nesta esfera, a pobreza, enquanto condição vivida aparece como marca maior. A falta de dinheiro, de calçados. Neste momento uma outra imagem forte é produzida. A Margarida descalça, criada de pés no chão, a Margarida que ia para a aula pisando na geada. A Margarida que comia polenta na falta do que comer, que não tinha nem leite, nem açúcar para adoçar o café. Se somente ela sabe o que passou, talvez sua fala concedida nos permita, num esforço cúmplice, além de visualizar sua imagem, ousar ir seguindo seu caminho. A Margarida/Menina apareceu na saudade dos pais. Na lembrança do quanto estes eram “carrascos” com os mais velhos; traz em cena a menina que até os sete anos apanhava, quatro, cinco “tundas de laço” por dia. Que não podia sair sozinha porque lhe parecia que os pais não queriam ficar longe dos filhos. Margarida/Menina que brincou muito pouco. Para quem brinquedo e realidade mostravam-se inseparáveis. Brincar era, assim, costurar roupas junto com a mãe, alternar-se entre os afazeres de sua casinha de brincadeira embaixo da árvore construída, e o de sua casa de verdade. Brincar era viver com criança no colo, quer seja sua boneca de pano, sempre a maior de todas (do tamanho de uma criança de verdade), ou seus irmãos de carne e osso, cujo cuidado lhe era conferido. O tempo de sobra era o tempo de brincar de boneca.

A mãe a ensinou a trabalhar, ensinou a lavar roupa, limpar a casa, cuidar dos irmãos. O castigo para quem não aprendia, era uma surra de vara molhada, nunca a mãe lhe ensinava novamente. O pai a ensinou a acender o fogo; do processo de aprendizagem, ressaltam “os dois tapas na bunda” que levou diante das dificuldades no aprendizado. E a lição que ficou: “apanhei e aprendi, eu acho que a gente tem que aprender desde pequenininho”. Pelos ensinamentos acerca do que é trabalho podemos perceber claramente a existência de uma nítida divisão sexual do trabalho. A família reserva, dessa maneira, um lugar para a mulher e para cada um de seus membros. Que lugar é este?

Garcia (1983), ao analisar o lugar da mulher nas unidades de produção camponesa, considera que o lugar que cada membro ocupa na família está ligado às atividades que desenvolvem na casa ou no roçado, bem como a hierarquia correspondente. Entende como roçado o âmbito da produção e como casa o âmbito do consumo. A mulher, para este autor, ocupa o lugar da casa e o homem o do roçado. Afirma que é na oposição masculino/feminino, ou na divisão das atividades por sexo, que se solidifica e se define o que pode ser considerado trabalho. Acrescenta o autor:

É ao homem pai de família que compete organizar as tarefas do roçado para prover o sustento da casa. É a mulher mãe de família a quem compete a organização das tarefas de casa, que possibilita o consumo e a reprodução dos membros da unidade familiar, e que dá origem à sua identidade social de dona de casa (GARCIA, 1983:39).

Ou, ainda, podemos concluir com Lavinias:

Depreende-se, assim, haver uma diferenciação clara nas atividades de homens e mulheres no campo que não se fundamenta apenas numa valorização desigual do feminino e do masculino, mas na evidência de que o trabalho tem um sexo: a divisão do trabalho que antecede ao capitalismo, e gestou forças de trabalho com aptidões distintas (LAVINAS, 1990:5).

A Margarida/Menina foi assim aprendendo pela brincadeira e pela realidade que o trabalho tinha um sexo, e que o lugar que ocuparia já estava sendo assinalado. Outros são os traços importantes de sua infância vivida; no aprendizado representado, a lição que parece marca de vida. Apanhar e aprender. É assim que se aprende desde pequenininho. Para aprender é necessário sofrer, a dor só produz bons resultados, a recompensa surgirá ao final.

A Margarida que não pensava em ser advogada, ou professora, mas que pensava em só estudar. A Margarida que não sabia o que queria ser na vida, mas que queria estudar, e que gostava de passar no fim do ano para não apanhar. A Margarida que não pôde estudar porque era mulher, que estudou só até a quarta série, porque o pai não deixava nem falar na possibilidade de filha mulher sair de casa para estudar. A única reclamação que trouxe dos pais foi o fato de eles não terem dado estudo. Contou que só seu pai sabe ler e escrever, sua mãe não. Assumindo a voz de sua mãe disse das dificuldades de uma mulher que nunca se atreveu a sair de Bagé sozinha. Ver e não enxergar. Puro paradoxo, ou limite da condição humana? O que significa para esta camponesa não saber ler? Parece “muito mais triste” que não saber enxergar. Mostrou-nos, porém, que sabe muito bem manejar com seus sentidos; admite, no entanto, que só aprendendo a ler é que irá compreender o resto. A consciência coloca-se em questão. A representação utilizada por Margarida através da fala da mãe nos conduz à cegueira relacionada à in/consciência de sua realidade. Cabe seguir agora o caminho apontado pela Margarida/Menina, que não pôde ser professora, nem advogada, mas que aprendeu a ler o mundo através de seus sentidos apurados. Aprendendo a ler o mundo decodificou rapidamente seu destino. Seu sonho passou a ser assim “casar e ter uma casa”. Era este o seu “lugar melhor”. Terra para trabalhar e casa para morar. O casamento parecia significar esta possibilidade concretizada. A Margarida/Menina, assim, foi cedendo lugar à Margarida que queria casar.

Do namoro por correspondência lembra que ambos entendiam a letra um do outro. O caminho anunciado mostrava-se evidente. Margarida um dia veio do trabalho para passear em

casa e não mais voltou. A única garantia que parecia condição necessária para o casamento dar certo era o que parecia ser para Margarida e para o noivo - a não-virgindade que dava direito de devolução da noiva. E foi aí que surgiu a Margarida/Mulher que fugiu para depois casar. A mulher que “graças a Deus” não decepcionou o marido, pois casou virgem e não precisou ser devolvida para o pai. A Margarida/Mulher que achava que casamento “era ter terra e ter casa”, começou a descobrir outras coisas. Depois de um ano ela já sabia que não iria durar. Os indícios disto eram o sentimento de chateação e solidão que a acompanhavam. A

Margarida/Mulher assume uma outra identidade, a de Margarida/Rebaixada. A Margarida que ficava em casa, cuidando dos animais, à espera do marido que chegava tarde, quando todo o trabalho estava terminado. A Margarida que, comparando-se com as outras mulheres, que iam e vinham com os maridos, experimentava um outro sentimento - o de mulher rebaixada. A Margarida/Rebaixada estava aprendendo que o casamento possuía outros significados. Que casamento não era só o marido tendo “as palavras dele”, a mulher também podia ter ideias. No entanto, mesmo sabendo que não podia teimar, Margarida ousava ter suas próprias palavras. A briga constante era o resultado. O casamento estava significando confronto.

A Margarida/Rebaixada estava dando lugar a uma outra personagem. Entrou assim em cena, a Margarida/Domadora. Com a sogra, seu trabalho teve êxito; com o marido a briga parecia ter mais uma etapa. Teve sua filha depois de sete anos de casada. A realidade mesmo assim não mudava. A Margarida assumindo “as rédeas” de seu próprio destino, rompendo com a dúvida do marido que pensava que ela não tinha coragem de passar a porta. Margarida voltou para a casa do pai. Voltou após ter tentado “encher e desencher o saco”. Entramos agora no que poderíamos chamar de uma outra parte de sua história a Margarida que voltou para a casa do pai não era a mesma Margarida que um dia saiu. Quem era esta Margarida?

A Margarida que aparecia olhava pela TV o tio que estava acampado e pertencendo ao movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. No início ela achava que a ocupação das fazendas era algo errado. O que via, Margarida achava errado. A Margarida era do lado do patrão. Como será então que ela foi mudando de lado? Contou que o pai começou a ir às reuniões dos Sem-Terra, começou a falar em Assentamento, dizendo que iria sair um acampamento e que ele iria acampar. Lembra que ficou “nervosa”, principalmente quando percebeu que iria ficar sozinha em casa... Mas Margarida tinha que garantir sua vida e acabou juntando-se ao Movimento. Da decisão lembra o que dizia: “vou pegar o tal de Movimento Sem-Terra e ver no que dá!”. Dez anos depois, rindo, corrige sua primeira intenção: “Tu vês! o Movimento é nós mesmos!”. A Margarida Domadora revive seus tempos áureos e tenta assumir o controle de sua situação. No entanto, se a Margarida hoje entende que o Movimento dos Sem-Terra é ela, ou nós mesmos, a pergunta que pode ser feita é: como se deu esta passagem da Margarida que queria pegar o MST para a que aprendeu que o MST pode ser pego de uma diferente forma?

Da sua vida de acampada ela traz lembranças que podem ser resumidas em uma única palavra - dificuldade. Dificuldade da vida debaixo de um barraco, dificuldade de comer, de beber, de estar com saúde. Podemos agora reforçar a hipótese de que é a dificuldade e o conflito que se estabelecem diante dela, um elemento suficientemente capaz de produzir uma outra consciência da realidade, uma outra identidade. A participação levou Margarida a “ver” que a realidade “não era aquilo ali”. Começou a achar certo o Movimento e consagrou seu lado, como sendo o do Movimento. Surgindo a Margarida/Sem Terra, não eram poucas, porém, suas dores e dificuldades. Em sua fala relembra o pesadelo que era sua vida sem a filha, fazendo-a sonhar com a menina sempre em situações perigosas: num formigueiro, presa numa cerca, etc. O afastamento da família provocava seus efeitos resignificando o seu sentido: a sua família era o movimento. Mas sempre afirmava: “tudo isso não é fácil!”. Margarida não se arrepende e afirma que todas as vezes que as mulheres pensavam em desistir ela dizia: “eu não vou, eu quero terra”. O desejo de ter a terra alimentava nossa personagem que assume, após tudo que passou, ter hoje uma outra compreensão das coisas. De todos os aprendizados, o que apareceu como mais forte é a possibilidade de acreditar, de aprender a esperar, a confiar na luta. A Margarida/Esperança do início de nossa história foi conferindo uma nova qualidade ao ato de sua espera. Essa espera assume novas características, a passividade dá lugar à ação e à convicção de que é possível acreditar nas pessoas e na luta. Isto agora significa esperar: confiar e lutar. Esta espera lhe permite inclusive ousar resignificar a palavra casamento. No acampamento Margarida acabou até mesmo casando novamente, encontrou um vizinho de porta e para não ficarem “de falatório”, gostando dele, “se juntou”.

Neste processo de confiança e luta a Margarida/Sem Terra alcança seus objetivos - o Assentamento é sua conquista. Tirou os calçados e caminhou naquela que agora era a terra conquistada. Surge assim um outro momento de sua vida; a Margarida redireciona seu rumo, pois agora é uma Margarida/Assentada. A conquista do assentamento, passados os seus momentos iniciais de glória, foi revelando aos poucos seus contratempos. O ideário produzido no Movimento, de trabalho coletivo, pela prática de seu grupo se concretizou como uma impossibilidade. O sentimento de estar sozinha parecia carregado de um outro significado. A Margarida não era mais a mesma que sofria a solidão de um casamento que não “dava certo”. Nossa personagem parecia ter aprendido a ver a vida de uma forma diferente. A solidão que agora a acompanha é a solidão daqueles que acreditam que é impossível não mais confiar no grupo, no coletivo, na luta. Desta forma Margarida de hoje é a Margarida que “caminha de pé no chão”, segundo suas próprias palavras, não porque não tenha sapatos para calçar seus pés, mas porque acredita que não adianta só a “empolgação”; o sucesso depende fundamentalmente do coletivo. O socialismo para nossa personagem depende de um dia a dia marcado por poucos passos, curtos, porém firmes.

A Margarida foi assim terminando de nos contar a sua história acreditando que ser mulher é estar presente no dia a dia, é não deixar se apagar. Das suas lições uma receita: “muitas vezes tentam

apagar a gente, mas tu não podes... Para nós, que tu não consegues levar a história, mas participar junto dela!”. É assim, levando a história e participando dela, que reencontramos nessa personagem, um sujeito ativo de sua história. História que parece não ter fim, a não ser por este limite que separa a ciência da realidade, em que o conhecimento produzido reproduz a angústia de sua insuficiência. Por fim, talvez um consolo, antes do último ato desta escrita. Margarida vem novamente ao nosso encontro para lembrar e pontuar um final possível: “esperança, diz que esperança é a última que morre...”

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRUMER, A. *As lutas no Campo no Rio Grande do Sul*. In: Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Porto Alegre: UFRGS, 1985.

CEBORATEV, E. *A Organização do Tempo de Atividades Domésticas e Não Domésticas de Mulheres Camponesas na América Latina*. In: AGUIAR, N. (org). *Mulheres na força de trabalho na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 1984.

CIAMPA, A. C. *A Estória do Severino e a História da Severina: um ensaio em Psicologia Social*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BAKHTHIN, M. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes: 2003.

BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura* – 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas: Vol. I).

BUSSOLETTI, D. M. *Mulheres Sem Terra: Identidade em representação*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 1997.

_____. *Margaridas Sem Terra: identidade em representação*. Pelotas: Editora Universitária UFPel, 2010.

DUVEEN, G. *Crianças Enquanto Atores Sociais: as representações sociais em desenvolvimento*. In: JOVCHELOVITCH, S. & GUARESCHI, P. (orgs). *Textos em Representações Sociais*. Petrópolis: Vozes, 1994.

GARCIA, A. *Terra de Trabalho - Trabalho Familiar de Pequenos Produtores*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

LAVINAS, L. & GIULIANNI, P. *Gênero e Classe: mulheres trabalhadoras rurais*. Rio de Janeiro: IPP/UFRJ, 1989.

MOSCOVICI, S. *A Representação Social da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1961/1978.

PENNA, M. *Identidade e Movimentos Sociais: homogeneidade ou aliança?* In: Revista de Trabalho e Política. João Pessoa: UFPB, 1988.

PERROT, M. *Os Excluídos da História*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

_____. *Práticas da Memória Feminina*. In: Revista Brasileira de História. A Mulher e o Espaço Público, 9(18), 1989.

ⁱ Conforme publicado no Boletim número 1, de junho de 1985, do Encontro Estadual das Mulheres Trabalhadoras Rurais.